

Adentrando a névoa do olhar

Entering the fog of the gaze

Christiane de Souza Coutinho Orloski¹ (UNESP/UFES)

Erick Orloski² (DAV-UFES)

Resumo: O presente ensaio apresenta e dissecar o processo de criação e elaboração de uma obra de artes visuais, intitulada “Névoa” (2025), de Chris Coutinho. O texto detalha cada uma das etapas de construção da obra, abarca questões conceituais e práticas e estabelece relações com diferentes referências bibliográficas. O conjunto de imagens, por sua vez, apresenta a montagem da obra em etapas, sobrepondo cada uma das 8 (oito) camadas que constituem o trabalho final.

Palavras-chave: artes visuais; processo de criação; fruição; experiência estética.

Abstract: *This essay presents and dissects the art creation process and development of a work of visual arts, entitled “Fog” (2025), by Chris Coutinho. The text details each of the different stages of the work’s construction, encompassing conceptual and practical issues, also establishing relationships with different bibliographical references. The set of images presents the assembly of the work in stages, superimposing each of the 8 (eight) layers that constitute the final work.*

Keywords: *visual arts,; art creation process,; fruition, aesthetic experience.*

DOI: <https://doi.org/10.47456/ydrj7m20>



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

¹ Educadora e artista visual, é mestre em Artes Visuais (2008 - bolsista FAPESP) pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e graduada em Ed. Artística - Artes Plásticas (2001) pela mesma universidade.

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4468-0048>.

² Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística (1998), mestrado em Artes Visuais (2005) e doutorado em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2015), tendo realizado um doutorado sanduíche junto à Universidad Pública de Navarra, em Pamplona, Espanha (2013). É professor do Departamento de Artes Visuais (DAV) da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5064-408X>.

Neste ensaio visual, apresentamos a proposta de criação da obra Névoa (2025), de Chris Coutinho, cuja construção se dá por camadas de tecido sobrepostos, pintados com lápis de cor. A elaboração de trabalhos em diferentes camadas e etapas faz parte da poética da artista que, em outras produções, explora o recorte de papel e a sobreposição de folhas de papel vegetal.

A primeira etapa do processo está focada no olhar e no registro. No caminhar, com ou sem rumo, os sentidos estão aguçados para os encontros do entorno. É preciso estar desperta, atenta, desprovida do olhar automático para o cotidiano, para perceber o que o entorno tem para oferecer; é preciso estar aberta para “o que nos acontece” – o que Jorge Larrosa (2002, p. 21) chamaria de experiência.

A fotografia registra os respiros de paisagens naturais em meio aos elementos urbanos. O tempo do registro é só o ápice do tempo constante da observação. Como nos lembra Lissovsky (2004, p. 212):

Aquele que espera, convida o tempo e o acolhe em si. Mas desde o momento em que espera, *ex-pecta*. E o tempo que não restitui não mais passa, não mais flui. **Reflui** em direção ao presente, pois neste mesmo movimento – movimento de expectativa do instante –, o ausentar-se do tempo tem curso.

Na segunda etapa, a imagem adensada da natureza é estudada e graficamente fatiada, dissecada, em um processo investigativo, como se fossem nós sendo desatados. Com tudo separado, é hora de dar a cada fragmento da imagem (da vegetação) a devida importância. Cada camada de elementos é representada em uma parte do tecido, em um delicado processo de colorir à mão, com lápis de cor, o que os olhos veem.

Simbolicamente, cada lâmina recebe um tratamento especial, uma espécie de zelo e de cuidado, como uma reverência à natureza. Esse tempo investido em cada lâmina requer um alto grau de concentração e de imersão nessa artesanaria, que resulta em um tempo dilatado de experiência. Shuichi Kato (2012, pp. 48-49) diz que “o ‘agora’, não é um instante, não é um ponto sobre a linha reta do tempo; de acordo com as circunstâncias, em caso específico, o ‘agora’ é percebido como curto, e, em

outro caso, como longo” e que “não é possível conceber uma definição geral sobre o quão longa deve ser a duração do ‘agora’”, já que “o ‘agora’ estica e encolhe como um fio elástico”.

E esse tempo do processo, em si, também é arte, porque é no fazer que a relação entre a artista e a paisagem se aprofunda. É nesse “agora” que os olhos, as mãos e a mente se articulam e se conectam, pois, “à medida que o artista vai se relacionando com a obra, ele constrói e apreende as características que passa a regê-la e, assim, conhece o sistema em formação” (Salles, 2011, p. 135).

Cada camada é única e tem certa autonomia no momento da criação, contudo, não está sozinha. Com todas as lâminas prontas, é hora de tornar a ordenar, sobrepor e – por vezes – justapor ou embaralhar. Camada após camada, a complexidade da imagem vai sendo devolvida, aos poucos, delicadamente, à medida que uma se acomoda sobre a outra. Logo, as camadas deixam seu isolamento e voltam a ser uma imagem única. Porém, elas não voltam iguais, pois elas ressurgem transformadas pela experiência. O olhar da artista tampouco é o mesmo olhar de antes. Agora, ele está impregnado de novos significados, depois que a percepção captou texturas, cores, nuances de formas e sentidos que, outrora, estavam escondidos na densidade da paisagem. De certo modo, as vivências da artista e da imagem podem ser comparadas à metáfora de uma pedra que rola por uma colina, proposta por John Dewey (2010, pp. 115-116), quando relata que a “pedra anseia pelo resultado final”, mas também “se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final”, destacando que “a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo”, vivenciando, assim, “uma experiência com qualidade estética”.

E é justamente essa lenta construção por camadas que queremos compartilhar com quem lê este ensaio. A obra finalizada permite uma série de leituras. O tecido voal – tão presente nas cortinas das casas,

visando separar o ambiente interno do externo, quebrando a luz que vem de fora – torna-se suporte para o registro de uma paisagem natural que parece externa ao ambiente urbano: o mangue.

Esse bioma que se caracteriza justamente por uma densidade de galhos e raízes entrelaçados, entranhado em uma cidade tropical (Vitória, Espírito Santo), converte-se em uma imagem turva, que se assemelha às paisagens típicas das regiões de clima temperado. O enevoado visto simboliza também o que não se vê, na vida anestesiada da contemporaneidade. Além de toda essa reflexão, nos interessa, nesse “agora”, nesse ensaio, compartilhar cada etapa do fazer, para que, assim, quem estiver lendo, possa vivenciar a sua própria experiência a partir das imagens.

Para perceber, o espectador ou o observador tem de criar sua experiência. (...) Sem um ato de recriação, o objeto não é percebido como obra de arte. O artista escolheu, simplificou, esclareceu, abreviou e condensou a obra de acordo com seu interesse. Aquele que olha deve passar por essas operações, de acordo com seu ponto de vista e seu interesse. Em ambos ocorre um ato de abstração, isto é, de extração daquilo que é significativo. (Dewey, 2010, p. 128)

Esperamos que as pessoas possam experienciar o tempo vagaroso de fruição, tela por tela, vendo a imagem se completar após oito momentos de pausa e silêncio.

















Referências

BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

LYSSOVSKY, Maurício. **A máquina de esperar**: origem e estética da fotografia moderna. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Intermeios, 2011.

Recebido em: 10 de maio de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025.